



SEÇÃO: ARTIGOS LIVRES

A importância da sinodalidade na Igreja: formar presbíteros sinodais para uma Igreja sinodal

The importance of synodality in the Church: training synodal presbyters for a synodal Church

La importancia de la sinodalidad en la Iglesia: formación de presbíteros sinodales para una Iglesia sinodal

José Aguiar Nobre¹

orcid.org/0000-0002-6624-7888
nobre.jose@gmail.com

Everton Gonçalves

Costa¹

orcid.org/0009-0007-3264-3966
eg.costa@yahoo.com.br

Emerson de Almeida

Amaral¹

orcid.org/0009-0007-1454-1253
contato.premerson@gmail.com

Recebido em: 21 nov. 2023.

Aprovado em: 03 mai. 2024.

Publicado em: 10 jul. 2024.

Resumo: A presente pesquisa visa destacar a importância da sinodalidade na vida da Igreja, como elemento fundamental para sua ação evangelizadora no mundo de hoje. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, cujo problema ficou assim formulado: como facilitar uma visão eclesiológica em sintonia com o Magistério da Igreja em face aos desafios do presente? Esse tema já esteve presente nas primeiras comunidades cristãs, foi evidenciado pelo Vaticano II e voltou aos círculos de reflexão, de modo forte e vigoroso, no pontificado do Papa Francisco. Entendemos que pensar uma Igreja sinodal é fundamental hoje, pois envolve toda a visão eclesiológica atual na dinâmica pastoral e os desafios hoje. Por isso, esse tema se torna importante para a formação dos futuros presbíteros, sobretudo ligados à dimensão pastoral-missionária, proposta pelas diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil. Os resultados esperados buscarão sinais de sinodalidade no texto das diretrizes e no processo formativo como um todo, a fim de destacarmos pistas e meios de aplicação concreta da dinâmica sinodal na vida dos formandos ao longo de todo o processo.

Palavras-chave: sinodalidade; dimensão pastoral; diretrizes para formação; desafios do presente; Papa Francisco.

Abstract: This research aims to highlight the importance of synodality in the life of the Church, as a fundamental element for its evangelizing action in today's world. This is bibliographical research, whose problem was formulated as follows: how to facilitate an ecclesiological vision in tune with the Magisterium of the Church in the face of the challenges of the present? This theme was already present in the first Christian communities, was highlighted by Vatican II, and returned to circles of reflection, in a strong and vigorous way, in the pontificate of Pope Francis. We understand that thinking about a synodal Church is fundamental today, as it involves the entire current ecclesiological vision in pastoral dynamics and challenges today. Therefore, this topic becomes important for the Training of future priests, especially linked to the pastoral-missionary dimension, proposed by the Guidelines for the formation of priests of the Church in Brazil. The expected results will seek signs of synodality in the text of the Guidelines and in the training process as a whole, in order to highlight clues and means of concrete application of synodal dynamics in the lives of trainees throughout the entire process.

Keywords: synodality; pastoral dimension; training guidelines; challenges of the present; Pope Francis.

Resumen: Esta investigación tiene como objetivo resaltar la importancia de la sinodalidad en la vida de la Iglesia, como elemento fundamental para su acción evangelizadora en el mundo actual. Se trata de una investigación bibliográfica, cuyo problema se formuló de la siguiente manera: ¿cómo facilitar una visión eclesiológica en sintonía con el Magisterio de la Iglesia ante los desafíos del presente? Este tema ya estuvo presente en las primeras comunidades cristianas, fue destacado por el Vaticano II y volvió a los círculos de reflexión, de manera fuerte y



¹ Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP, Brasil.

vigorosa, en el pontificado del Papa Francisco. Entendemos que pensar en una Iglesia sinodal es fundamental hoy, pues involucra toda la visión eclesiológica actual en las dinámicas y desafíos pastorales de hoy. Por lo tanto, este tema cobra importancia para la Formación de los futuros sacerdotes, especialmente vinculado a la dimensión pastoral-misionera, propuesta por las Directrices para la formación de los sacerdotes de la Iglesia en Brasil. Los resultados esperados buscarán signos de sinodalidad en el texto de las Directrices y en el proceso de formación en su conjunto, con el fin de resaltar pistas y medios de aplicación concreta de la dinámica sinodal en la vida de los formandos a lo largo de todo el proceso.

Palabras clave: sinodalidad; dimensión pastoral; pautas de formación; retos del presente; Papa Francisco.

Introdução

A presente pesquisa visa aprofundar o tema da sinodalidade, em chave pastoral, na dimensão da formação dos futuros presbíteros.

A dimensão pastoral é como uma dimensão-síntese no processo, pois é para ela que convergem todas as outras, uma vez que nela se verificarão o dia a dia da pessoa do futuro presbítero e a real eficácia do processo formativo inicial.

Muitas vezes, essa dimensão fica aquém do esperado, visto que a dimensão intelectual, focada na faculdade e nos cursos acadêmicos, ganha maior força. As próprias diretrizes alertam, por duas vezes, para esse risco: as etapas "do discípulo" e "da configuração" indicam o enfoque formativo, a fim de ressaltar que esses períodos não devem ser resumidos nem avaliados apenas em sua dimensão intelectual, como poderia sugerir a terminologia "fase dos estudos filosóficos" e "dos estudos teológicos" (CNBB, 2019b, n. 59). Vale lembrar que a dimensão intelectual também é muito mais abrangente do que a vida acadêmica. Por vezes, a dimensão espiritual também se fecha muito na rotina do seminário, limitando-se ao cumprimento das orações comunitárias – sem falar na dimensão comunitária, que, muitas vezes, perde-se nas picuinhas da convivência dentro das casas de formação. Sem um projeto de formação pastoral sério, pode-se reduzir os estágios pastorais aos finais de semana, em momento de "folga" do ambiente do seminário, perdendo o foco, que é a formação pastoral, e não lhe dando a devida importância.

É na pastoral que o candidato vai se mostrar realmente, sendo possível aos formadores analisar os efeitos da formação interna nos seminários. Um sujeito bem formado será capaz de se colocar a serviço da comunidade cristã, sem se perder em elementos secundários e supérfluos.

Aqui, surge a importância de um projeto de formação pastoral-missionária capaz de traduzir uma eclesiologia pós-Vaticano II e em sintonia com o magistério atual do Papa Francisco. Vive-se, hoje, um retrocesso revestido de piedade, cheio de fundamentalismo e de fechamento ao diálogo, perdendo-se em um esteticismo vazio, que esconde muitas situações complexas e preocupantes para a Igreja do futuro. De fato, "qualquer modalidade de fundamentalismo carece de fundamento ao procurar absolutizar o relativo, eternizar o histórico, fixar o provisório, e impedir novas configurações eclesiais; no fundo é pretender privar Deus de sua liberdade" (Nobre; Silva, 2022, p. 17).

O teólogo Agenor Brighenti, preocupado com essa questão, tem feito várias pesquisas sobre o perfil dos padres no Brasil e, em um de seus textos, afirma:

É do conhecimento geral que nas últimas décadas tem irrompido no seio do catolicismo brasileiro um novo perfil de presbíteros, comumente denominados "padres novos". Por suas práticas pastorais e comportamentos pessoais, eles têm promovido na esfera da experiência religiosa o deslocamento do profético para o terapêutico e do ético para o estético. Isso tem provocado tensões e entraves nos processos pastorais, tanto entre os presbíteros nas Igrejas Locais como em relação às religiosas e aos leigos e leigas nas Paróquias onde atuam. Constituem um sujeito incômodo, no sentido que faz pensar e também tomar posição (Brighenti, 2023, p. 10).

O Papa Francisco traz essa preocupação em tornar a Igreja cada vez mais fiel aos ensinamentos do Mestre Jesus na esteira da eclesiologia trazida pelo Vaticano II. É nesse contexto que ressurge o tema da sinodalidade:

[...] a sinodalidade encontrou, no magistério do Papa Francisco, consagração, desenvolvimento e via de concretização na Igreja; ela está colocada como elemento dos mais importantes na reforma da Igreja; a base para o incremento da

sinodalidade é a Igreja particular e o horizonte é a missão (Cipollini, 2022, p. 27).

Talvez esse seja o único remédio eficaz para a Igreja do futuro, em um mundo marcado pelo pluralismo e por tantos desafios, onde a escassez do clero e de vocações à vida consagrada cresce sempre mais. Esse tema da sinodalidade, na formação dos futuros presbíteros da Igreja no Brasil, tem ganhado destaque, nos últimos anos, refletindo essa tendência mais ampla na Igreja de valorizar a participação e o diálogo entre todos os membros da comunidade eclesial.

Sinodalidade é um princípio que enfatiza a colaboração e a participação de todos os membros da Igreja na tomada de decisões e na vida da comunidade. Em vez de uma abordagem hierárquica e centralizada, a sinodalidade busca envolver todos os fiéis, incluindo leigos, religiosos e clérigos, na reflexão e na ação pastoral.

No contexto da formação dos futuros presbíteros, a sinodalidade implica reconhecer a importância da participação e do diálogo nas etapas de discernimento vocacional, formação teológica e pastoral. Isso significa que o processo formativo deve ser permeado por uma cultura de escuta, respeito mútuo e colaboração entre os formadores, os seminaristas e a comunidade eclesial em geral.

A ideia por trás da sinodalidade, na formação dos presbíteros, é formar líderes pastorais que estejam enraizados nas necessidades e nas realidades das comunidades para onde serão enviados. A sinodalidade busca romper com uma mentalidade clericalista, na qual o clero é visto como detentor exclusivo do conhecimento e do poder, e promover uma formação que valorize a colegialidade, a corresponsabilidade e a participação de todos os batizados na missão da Igreja:

A sinodalidade é a superação de uma dicotomia eclesial que entendia a sobreposição do papa em relação aos demais bispos, dos bispos em relação ao presbitério, dos presbíteros em relação aos fiéis leigos e leigas na qual cabe aos primeiros mandar e decidir e aos outros obedecer e serem governados, para uma mentalidade segundo a qual cada membro da Igreja é chamado a ser nela e em nome dela um sujeito ativo na evangelização. Na Igreja

sinodal não se anulam as funções ministeriais, aqueles que têm um ministério que comporta o serviço de tomar certas decisões continuam a dele gozar, o modo de tomar as decisões, no entanto, que muda. Aqueles que têm um ministério na Igreja não podem entendê-lo jamais na lógica do poder-dominador, mas na lógica do poder-serviço e é neste sentido que o Papa Francisco fala sobre a pirâmide invertida. Também não significa de forma alguma uma democracia eclesial na qual a autoridade eclesiástica promulgue o que foi decidido pela maioria da assembleia, mas significa um dever de escuta mútua entre os membros da Igreja e de todos em relação a Deus na qual cada membro tem a aprender (Machado, 2023, p. 80).

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil tem incentivado a implementação da sinodalidade, na formação dos futuros presbíteros, buscando fortalecer o protagonismo dos leigos e das leigas e a participação ativa das comunidades na formação dos seminaristas. Isso pode se manifestar, sobretudo, a partir da convocação do papa para o sínodo sobre a sinodalidade, a acontecer em 2023-2024. Com a convocação do sínodo, surgiu a necessidade da realização de assembleias sinodais e consultas amplas aos fiéis, o que deveria gerar uma maior interação entre os formandos e as paróquias durante esse processo. Fica o questionamento: até que ponto os formandos estão integrados sobre esse grande acontecimento sinodal na vida da Igreja?

A sinodalidade, na formação dos futuros presbíteros, não é apenas um modelo teórico, mas um convite a repensar a maneira como a Igreja forma seus ministros ordenados, buscando promover uma formação mais contextualizada, participativa e comprometida com as necessidades do povo de Deus. Essa abordagem busca capacitar os futuros presbíteros a serem pastores atentos, acolhedores e engajados com a realidade social, política e cultural, bem como sensíveis às demandas e aspirações das comunidades.

Talvez aqui esteja a grande questão, pois, embora se fale muito em sinodalidade, nosso processo formativo ainda está muito distante dessa mentalidade sinodal. Para construir uma Igreja verdadeiramente sinodal, é necessário formar os seminaristas, o clero e os religiosos para essa realidade, que, apesar de parecer tão

nova, é algo que, desde o concílio, tenta sair do papel, mas encontra grandes barreiras concretas.

Essa tendência de volta ao passado é cultivada dentro dos seminários, e, muitas vezes, após a ordenação, em vez de pastores próximos e empenhados em ouvir, acolher e caminhar em comunhão com os leigos e as leigas, temos padres clericalistas, fechados em seu mundinho, autorreferenciais, que decidem tudo sozinhos, como se fossem senhores feudais no período da cristandade. E falar contra essas posturas é encontrar sempre uma resistência, pois a sociedade está cada dia mais polarizada e intolerante diante dos pensamentos divergentes.

Faz-se necessário identificar essas posturas, dentro do processo formativo, pois "para o sacerdote, não existem duas vidas, uma antes da ordenação em que não era apóstolo e outra depois, quando começa a ser apóstolo; só existe uma única vida, a de apóstolo, com duas etapas: antes e depois da ordenação" (Brighenti, 2021, p. 230).

A importância da Sinodalidade na Igreja

Uma Igreja pós-Vaticano II vai vislumbrando os seus problemas atuais e a necessidade de estar sempre se renovando, sem perder a sua identidade. Hoje, o mundo vive uma época de mudanças, em que um exagerado conservadorismo tem tomado conta de diversos setores da sociedade, inclusive de grupos na Igreja.

O Concílio Vaticano II significou a retomada do diálogo entre a Igreja e a sociedade com momentos de atualizações, de extremismos e de voltas atrás, como tem sido uma constante na história da Igreja em períodos pós-conciliares. Entretanto, as mudanças continuaram introduzindo-nos num período caracterizado como pós-moderno, ainda objeto de muitas discussões teóricas, mas que atinge em cheio nossa vida cotidiana, pois o pluralismo reina em nossos dias. Qualquer perspectiva de leitura da realidade goza de direitos iguais de expressão e de prática. Os referenciais sólidos do passado perdem força e credibilidade e os do presente são frágeis e líquidos. O respeito à diversidade se impõe como condição necessária para a vida social. A tolerância se torna uma palavra sagrada (Miranda, 2019, p. 19).

Observa-se que o atual pontificado do Papa

Francisco também traz muitas luzes para a caminhada da Igreja e, ao mesmo tempo, enfrenta grandes desafios e oposições, de modo muito firme e sensato. Ao falar sobre o Papa Francisco, o teólogo Mario de França afirma que a Igreja deve "rever sua ação pastoral em consonância com o apelo do Papa Francisco por uma conversão pastoral e missionária" (Miranda, 2019, p. 77).

Hoje se vive um período de questionamentos e embates sobre o Concílio Vaticano II, e isso fica latente sobre o pontificado de Francisco. Desse modo, faz-se necessário lançar bases para elaborar sínteses, que possam superar os reducionismos tradicionalistas que se impõem nas mídias sociais hoje. É impossível pensar a Igreja hoje sem levar em conta a importância dos leigos e das leigas, do processo de desenvolvimento de uma jornada de sinodalidade e do diálogo com a sociedade e com os demais grupos religiosos presentes nessa sociedade plural. O fechamento em um passado idealizado é um grande perigo para a Igreja, que tantos avanços viveu, no período pós-Vaticano II, solidificando-se, sobretudo, no atual magistério papal.

O tema da sinodalidade é algo que está em alta nas reflexões eclesiais hoje, mas sabemos que, na verdade, é algo constitutivo da Igreja já nas suas origens. Tratar sobre o tema da sinodalidade é retornar às fontes e visitar a prática de Jesus e as suas orientações sobre o Reino de Deus. A Igreja primitiva é uma escola de sinodalidade, e se sabe que "nos primeiros anos do cristianismo, a evangelização era de todo informal e realizada por qualquer cristão que comunicasse aos outros sua experiência salvífica" (Miranda, 2018, p. 15). Hoje, muito disso se perdeu justamente por um fechamento em estruturas burocráticas e até obsoletas, em que pouco espaço existe para uma dimensão pneumatológica. A Igreja no Ocidente se perdeu muito, ao longo dos séculos, em uma vertente muito mais intelectual da fé do que no aspecto místico ou vivencial suscitado pelo Espírito Santo.

Um fator importantíssimo para podermos entender as transformações em curso na Igreja é o Espírito Santo. Visto no passado apenas como garantia da autenticidade do magistério eclesi-

ástico, era então patrimônio da hierarquia para a conservação da Igreja. Naturalmente atuava também em cada cristão, mas frequentemente sem pertinência alguma para a comunidade eclesial. E como certa compreensão de cunho jurídico (sociedade perfeita) se impunha na eclesiologia, que tudo determinava através de leis e normas, do poder e de jurisdição, o espaço deixado aos carismas e à ação do Espírito Santo era bem reduzido. É necessário que essa concepção vigente no passado seja realmente corrigida para podermos entender, acatar e tornar realidade a ação do Espírito Santo em nossos dias. Boa parte da resistência de alguns à atual reforma eclesial provém de uma ideia tradicionalista de uma Igreja estática, imune ao tempo, sem levar em conta que muitos componentes dessa imagem brotaram ao longo dos anos, são históricos, contingentes, podendo mesmo ser anacrônicos hoje (Miranda, 2019, p. 93-94).

Compreende-se que promover uma mudança de mentalidade ao que se pode chamar de “conversão pastoral” e aprofundar o tema da sinodalidade se torna algo imprescindível hoje. Além disso, é importante que a Igreja mantenha o seu foco na missão de levar a mensagem do Evangelho ao mundo, sem se deixar distrair por questões secundárias. No fundo, é preciso uma “pastoral que eduque para a experiência de Deus, para a sintonia com a ação do Espírito Santo, para a vivência de um relacionamento pessoal com Deus” (Miranda, 2022b, p. 37).

O tema da sinodalidade é uma reflexão que tem sido cada vez mais utilizada na Igreja, especialmente desde o início do pontificado do Papa Francisco. Na prática, a sinodalidade envolve a consulta, a participação e as diversas formas de diálogo e reflexão de todos os membros da Igreja na tomada de decisões, para discernir os desafios e as situações que a Igreja enfrenta, na atualidade, a nível tanto local quanto universal, incluindo leigos, religiosos e clérigos, de modo a afirmar sua identidade e se abrir para um constante caminho de renovação.

Apesar de ser um tema em alta no momento, a sinodalidade, como deve ser na realidade, ainda está em construção e enfrenta muitos desafios e resistências por parte de alguns setores mais conservadores da Igreja e, também, pela falta de compreensão na implementação de novas formas de diálogo e participação. Entende-se

que isso acontece porque a sinodalidade requer um grande esforço de escuta e discernimento de todos os envolvidos. Desse modo, ressalta-se que, ainda que haja dificuldades de implantação, não se pode desistir desse caminho, visto que a sinodalidade é a grande oportunidade para uma renovação autêntica da Igreja, tornando-a cada vez mais inclusiva, participativa e aberta à ação do Espírito Santo. Por isso, faz-se urgente refletir sobre como essa questão da sinodalidade pode estar presente na formação dos futuros presbíteros, pois, para haver uma igreja sinodal, é preciso formar presbíteros que sejam sinodais.

Agenor Brighenti fez uma longa pesquisa de campo sobre o novo rosto do clero, com perguntas muito relevantes, colhidas em todo o Brasil, e, junto de uma vasta equipe de teólogos e pesquisadores de áreas afins, está lançando aos poucos os resultados dessa pesquisa. Na primeira obra lançada, *O novo rosto do clero*, ele reflete sobre como anda o processo de formação dos futuros presbíteros. Entre as diversas respostas, chama a atenção o fato constatado de que os padres novos são considerados mais autoritários e tendem a se considerar mais importantes do que os leigos e as leigas. Além disso, parece que são formados para fazer funcionar a paróquia tradicional (Brighenti, 2021).

Parece que esses dados vão na contramão de tudo que o papa Francisco vem pedindo à Igreja e de tudo que se refletiu acima sobre a importância da sinodalidade. Hoje, a sociedade apresenta questões que exigem uma maior abertura à renovação, seja de forma pessoal, seja das estruturas que temos e que precisam ser revistas:

As comunidades necessitam de ministros e ministras que cumpram a missão da evangelização, sem dividir o coração por falas idolátricas e comodismo inercial. As comunidades sustentadas pela graça do Espírito Santo, pelos sacramentos e pela ação dos/as missionários/as, catequistas, diáconos, presbíteros, da vida religiosa consagrada e bispos, precisam reinventar-se, com urgência (Brighenti, 2021, p. 226-227).

Com as reformas que Francisco propõe, surge a exigência de uma nova forma de ser presbítero, bem como as novas configurações de ministérios

eclesiais e um novo processo formativo. Logo, novos padres para servir um novo modo de ser Igreja:

[...] para existir um clero não clerical, com cheiro de ovelhas e amor profundo como o de Jesus, será preciso mudar as estruturas, dar prioridade ao contato direto e diário com o povo, preparar os novos padres para a ação terapêutica junto aos vulneráveis, e habituá-los na leitura orante do Santo Evangelho (Brighenti, 2021, p. 231).

Esses dados devem ser considerados quando se deseja uma Igreja mais sinodal, de participação e de comunhão. Como se sabe, os sinais da sinodalidade já estão presentes nos documentos do Concílio Vaticano II e, agora, estão desabrochando com maior vigor no magistério atual. É muito interessante notar como a *Presbyterorum Ordinis* via a relação entre o clero e os leigos e as leigas, naquele período de reforma conciliar, e o quanto ainda hoje está patinando nessa questão. Vale se atentar à citação:

Embora os sacerdotes do Novo Testamento, em virtude do sacramento da Ordem, exerçam no Povo e para o povo de Deus o múnus de pais e mestres, contudo, juntamente com os fiéis, são discípulos do Senhor, feitos participantes do seu reino pela graça de Deus que nos chama. Regenerados com todos na fonte do Batismo, os presbíteros são irmãos entre os irmãos, membros dum só e mesmo corpo de Cristo cuja edificação a todos pertence.

Devem os presbíteros de tal modo estar à frente que, não procurando os próprios interesses, mas os de Jesus Cristo, trabalhem na obra comum com os leigos e vivam no meio deles segundo o exemplo do Mestre, que "veio" para o meio dos homens, "não para ser servido, mas para servir e dar a vida pela redenção de muitos" (Mt 20,28). Os presbíteros reconheçam e promovam sinceramente a dignidade e participação própria dos leigos na missão da Igreja. Estejam dispostos a ouvir os leigos, tendo fraternalmente em conta os seus desejos, reconhecendo a experiência e competência deles nos diversos campos da atividade humana, para que, juntamente com eles, saibam reconhecer os sinais dos tempos. [...] Entreguem-se aos leigos, com confiança, obras do serviço da Igreja, deixando-lhes espaço e liberdade de ação, convidando-os oportunamente a que tomem eles as suas iniciativas.

Os presbíteros, finalmente, foram postos no meio dos leigos para os levar todos à unidade "amando-se uns aos outros com caridade fraterna, e tendo os outros por mais dignos" (Rm 12,10). É, pois, dever deles congregar de

tal maneira as diferentes mentalidades que ninguém se sinta estranho na comunidade dos fiéis. São os defensores do bem comum do qual têm cuidado em nome do Bispo, e simultaneamente reivindicadores da verdade para que os fiéis não se deixem enredar por qualquer doutrina. São-lhes confiados com peculiar solícitude os que se afastaram da prática dos sacramentos e sobretudo da fé, dos quais, como bons pastores, não deixarão de se aproximar (*Presbyterorum Ordinis*, 1965, n. 9).

Essa citação deixa evidente o quanto, nos textos conciliares, já se percebe a indicação do que chamamos hoje de "Igreja sinodal" – uma Igreja em que cada um tem sim o seu carisma e ministério próprio, mas sem perder a consciência de que todos pertencem ao mesmo povo de Deus chamado a edificar a Igreja e levar ao mundo o Evangelho. O batismo é fonte de unidade e igualdade na Igreja, e somente a partir dele é que surgem os dons e carismas múltiplos, conforme o desejo do Espírito Santo. Nesse processo sinodal e ministerial:

[...] caberá aos presbíteros contribuir para um laicato adulto, favorecendo uma forte experiência de Deus na comunidade, sendo neste sentido um verdadeiro líder espiritual e vivenciando relações de escuta com os leigos e leigas seja a nível interpessoal, seja a nível estrutural como o Conselho Pastoral Paroquial e o Conselho Econômico Paroquial (Machado, 2023, p. 93-94).

Hoje, é impossível pensar o ser Igreja e desenvolver uma pastoral autêntica sem levar em conta a questão do diálogo, da missão do leigo, da comunhão e da participação. Mais do que nunca, as bases lançadas pelo Vaticano II precisam ser aprofundadas para poder avançar rumo às questões mais urgentes. Por isso, pode-se dizer que a Igreja está vivendo um processo de sinodalidade em construção, em que o papel do leigo precisa ser cada vez mais enfatizado, superando o clericalismo, o conservadorismo e tantas outras ideologias de fechamento.

Naturalmente a participação ativa do laicato na missão do cristianismo, embora urgente e justificada, irá exigir mudanças na organização da comunidade eclesial, na formação adequada dos novos quadros, na divisão de competências, certamente gerando uma nova configuração da comunidade cristã, até então muito centralizada na figura do ministro orde-

nado. Daí a desafiante tarefa de um cristianismo sinodal (Miranda, 2022b, p. 96-97).

Talvez essa seja a grande contribuição da Igreja na América Latina, que sempre primou por uma participação laical em um processo de comunhão muito interessante ao longo da história. Esse processo está bem representado no documento de Aparecida e, até mesmo, no atual pontificado, que é fruto de toda essa caminhada eclesial. Por isso, repetir e aprofundar alguns temas é urgente para fazermos com que tais ideias se solidifiquem, abrindo novos horizontes para a missão da Igreja no mundo.

As Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil, nos últimos anos, têm enfatizado a importância de fortalecer as pequenas comunidades, de modo que os fiéis leigos possam assumir um maior protagonismo na missão. Falar e refletir sobre esses temas não leva a uma quebra da identidade da Igreja, mas ao contrário, pois, quanto mais se conhece a missão de Jesus e se volta às fontes, revisitando a comunidade primitiva, mais se compreende que esse é o caminho de fidelidade ao projeto cristológico, que renova a Igreja, a partir de dentro, sem que ela perca sua identidade.

Análise das menções de sinodalidade nas diretrizes para a formação dos presbíteros da Igreja no Brasil (Doc. 110)

Embora as diretrizes sejam bem recentes (2019), não é possível encontrar o termo "sinodalidade" em todo texto. Todavia, temos menções que podem levar a essa concepção sinodal, na qual se está cada vez mais inserido. Pretende-se, neste item, levantar essas "menções sinodais" nas diretrizes, destacando, sobretudo, a dimensão pastoral da formação. Essa tarefa será realizada a seguir, como uma espécie de fichamento do texto das diretrizes, com observações pessoais destacadas.

As diretrizes formam uma *Ratio Nacionalis*, fundamentada na *Ratio Fundamentalis* (2016) e tendo em vista as Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil (CNBB, 2019a),

que pedem um tempo forte de missionariedade para a Igreja, e, para isso, faz-se necessária a formação de presbíteros animadores da vida comunitária. Já na apresentação do documento, ressalta-se a importância de presbíteros em saída, acolhedores e misericordiosos: "Trata-se de um modelo de presbítero, com a coragem de alcançar todas as periferias geográficas e existenciais que precisam da luz do Evangelho, em uma atitude acolhedora e que seja misericordiosa" (CNBB, 2019b, p. 13). Esse é um desejo do Papa Francisco, desde o início de seu ministério petrino, e se pode deduzir que, desse modelo de presbítero, vai surgindo a necessidade de uma Igreja mais sinodal.

No capítulo 1, são apresentadas as coordenadas da formação, em que se elencam os temas do contexto como desafio, os fundamentos teológicos e o processo formativo.

O seminário de hoje tem a missão de formar presbíteros capazes de dialogar com a realidade plural e atuar pastoralmente no meio do povo, valorizando os leigos e as leigas em seus diversos carismas, serviços e ministérios (CNBB, 2019b, n. 7).

As diretrizes refletem que a cultura contemporânea desafia, com possibilidades, riscos e complexidades quanto ao convívio humano, à sua qualidade, ao seu sentido evangélico e à sua compreensão como dom, tarefa e missão. Entre os itens elencados, alguns são muito pertinentes ao tema de uma sinodalidade em construção. A subjetividade pós-moderna traz pontos positivos, como o sentido de participação, autonomia e liberdade, mas, ao mesmo tempo, enaltece o individualismo, que ocasiona crise na dimensão comunitária da vida, enfraquecendo a identidade e a missão das instituições.

Sobre a questão do poder, as características principais recaem na autossuficiência, na autorreferencialidade e no democratismo, sem referências ao serviço e ao diálogo, em que, muitas vezes, rechaça-se qualquer tipo de hierarquia e se opta por relações mais horizontais e abertas. Com relação à religiosidade, nota-se uma busca por uma espiritualidade marcada pelo subjetivismo,

que oferece satisfações emotivas, proximidade e conforto interior, sem alteridade e gratuidade. Esses temas são um grande desafio para a missão evangelizadora e não podem ficar de fora do processo formativo (CNBB, 2019b, n. 10).

Nota-se uma falta de equilíbrio que pende de um extremo ao outro:

[...] o mundanismo, o relaxamento na disciplina e os abusos na liturgia, e de outro lado, as práticas fundamentalistas, marcadas pela rigidez e busca de segurança em um estilo de vida próprio do passado, bem como atitudes individualistas, marcadas pelo relativismo ético, pela indiferença religiosa e pela busca de exterioridades, privilégios e status (CNBB, 2019b, n. 12).

Entre os desafios da prática pastoral, relembra-se um fundamento teológico fundamental: "o sacerdócio ministerial está a serviço do sacerdócio comum dos fiéis". O presbítero não é um mero delegado ou representante da comunidade, e sim um dom para ela. Ademais, o fato de configurar o Cristo-Cabeça não faz do presbítero alguém acima dos demais fiéis. O documento de Aparecida já destacava como desafios as instâncias eclesiais não impregnadas do espírito missionário, como paróquias muito grandes, paróquias muito pobres –que levam os padres a buscarem outros meios de subsistência, às vezes em detrimento do ministério –, paróquias em regiões de extrema violência e insegurança, além da falta e má distribuição de presbíteros.

Além disso, é importante destacar as grandes transformações do mundo moderno: os novos rostos dos pobres, a realidade urbana, os novos areópagos e centros de decisão e a nova compreensão de paróquia como comunidade de pequenas comunidades, que implicam um modelo de presbítero, com a coragem de alcançar todas as periferias geográficas e existenciais que precisam da luz do Evangelho, em uma atitude acolhedora e misericordiosa. Para enfrentar esses desafios, é urgente uma "conversão pastoral" que promova a passagem de uma pastoral de mera conservação para uma decididamente missionária, capaz de inspirar atitudes de autoavaliação das estruturas eclesiais, inclusive no campo da formação, pois

se constata uma falta de espírito missionário em membros do clero desde a Conferência de Aparecida (CNBB, 2019b, n. 13-19).

As diretrizes colocam como fundamento teológico para o processo formativo a intencionalidade pastoral-missionária: "a vida e a missão do presbítero são marcadas por uma intencionalidade pastoral-missionária, que deve configurar todo o processo formativo" (CNBB, 2019b, n. 28). Infelizmente, a realidade mostra que essa dimensão, muitas vezes, acaba ofuscada e até negligenciada pelas demais dimensões.

O documento afirma também que, em virtude da ordenação, o presbítero deve ser servidor e anunciador da Palavra, exercendo o triplice múnus, por meio da mistagogia e da caridade pastoral. O ministério do presbítero está marcado por uma "forma comunitária", em ação conjunta com o bispo, os irmãos de presbitério, os diáconos e os fiéis leigos, pois sua atividade ministerial é sempre uma ação eclesial (CNBB, 2019b, n. 36 e 38). Ao destacar essa forma comunitária, citando uma ação conjunta inclusive com os leigos e as leigas, pode-se vislumbrar, nas entrelinhas, o conceito de sinodalidade.

As diretrizes ressaltam algumas imagens e aspectos da identidade do presbítero construídas ao longo da história, a saber: presbítero, pastor, profeta, servo, missionário, padre, sacerdote, esposo, perito em humanidade, homem da proximidade, homem da misericórdia, homem de oração, homem de sacrifício e irmão universal (CNBB, 2019b, n. 41). São muitos aspectos que vão se complementando. Na atualidade, porém, busca-se enfatizar mais alguns do que outros. Quando isso acontece, a dimensão sinodal fica, muitas vezes, prejudicada.

Diante da realidade atual, exige-se do presbítero uma capacidade de respeitar, discernir e suscitar serviços e ministérios para a ação comunitária e para a partilha (CNBB, 2019b, n. 43, item g).

No capítulo 2, encontra-se o itinerário da formação presbiteral, e talvez seja digna de nota, com relação ao processo de sinodalidade na Igreja, apenas a seguinte citação:

[...] reconheçam e corrijam a mundanidade espiritual: obsessão pela aparência, uma segurança doutrinal ou disciplinar presunçosa, o narcisismo e o autoritarismo, a pretensão de impor-se, o cuidado somente exterior e ostentado com a ação litúrgica, a vanglória, o individualismo, a incapacidade para escutar o outro e todo gênero de carreirismo (CNBB, 2019b, n. 67).

Ao falar do período do primeiro discernimento, no capítulo 3, prevê-se que, no Conselho de Formadores, esteja presente o coordenador diocesano de pastoral – algo interessante de destacar quando se pensa em uma dimensão pastoral que seja capaz de colocar em prática os planos de pastoral das dioceses (CNBB, 2019b, n. 99).

No capítulo 4, que trata do período de formação inicial, foram destacadas várias citações com noções de sinodalidade e de pastoralidade, ao longo do processo formativo, mesmo que, muitas vezes, note-se uma falta de algo mais explícito nesse campo.

Sobre a fase do propedêutico, destacam-se duas citações, sendo a primeira sobre o que se espera da dimensão pastoral-missionária nessa fase:

Dimensão pastoral-missionária no propedêutico: "iniciação à compreensão da Igreja e do ministério presbiteral; preparação para a vida eclesial em perspectiva missionária; inserção na vida, na dor e com experiências em situações limite em que vive o povo; visitas a presídios, asilos, orfanatos, casas de recuperação de dependentes químicos; partilha de experiências; atenção especial a temáticas que envolvem a humanidade, como direitos humanos, migração, defesa e preservação do meio ambiente e aquecimento global" (CNBB, 2019b, n. 130, item d).

Já a segunda citação é sobre uma das disciplinas de estudo sugerida para essa fase do propedêutico: "introdução ao Magistério da Igreja, antes de tudo aos documentos do Concílio Vaticano II e aos ensinamentos dos últimos papas" (CNBB, 2019b, n. 134, item c).

Na etapa discipular ou filosófica, cita-se brevemente a pastoral:

Mediante o auxílio específico dos formadores, do acompanhamento do diretor espiritual, do convívio com seus companheiros de seminário e da vida pastoral ao lado do povo de Deus,

vai sendo composto o itinerário pedagógico para o desenvolvimento interior que sustentará, motivará e confirmará o seminarista ao longo de seu crescimento no amor a Cristo e ao próximo em comunhão com todo a Igreja (CNBB, 2019b, n. 145).

Na etapa de configuração ou teológica, faz-se uma opção por manifestar que o seminarista busque se configurar a Cristo, pastor e servo, pressupondo que a dimensão pastoral seja fundamental para ser pastor e servo (CNBB, 2019b, n. 147).

Após a apresentação das etapas, estabelecem-se os critérios para o ingresso no seminário, em que se destaca: "capacidade de situar-se com equilíbrio entre a afirmação das próprias convicções e a abertura ao diálogo com o mundo plural" (CNBB, 2019b, n. 152, item h). Além disso, elencam-se algumas tarefas do seminário, sobretudo a promoção da integração entre as dimensões constitutivas do processo: "articular a formação intelectual com a prática pastoral e a vivência espiritual, em vista de um discipulado autêntico" (CNBB, 2019b, n. 159, item e).

Para uma Igreja sinodal, é fundamental que, além da presença dos formadores, "favoreça-se a presença de cristãos leigos e leigas. É oportuno incluir, de forma prudente e adaptada aos vários contextos culturais, a colaboração de leigos, homens e mulheres, no trabalho formativo dos futuros sacerdotes" (CNBB, 2019b, n. 162).

A importância da vida comunitária, na qual está o germe da sinodalidade, é expressa de forma bem explícita e profunda:

Todo o processo formativo possui uma característica eminentemente comunitária. De fato, a vocação ao ministério presbiteral é um dom que Deus concede à sua Igreja e ao mundo, uma via para se santificar e santificar-se os outros, que não se percorre de maneira individualista, mas sempre havendo como referência uma porção concreta do povo de Deus. Tal vocação é revelada e acolhida no interior de uma comunidade eclesial e forma-se no Seminário, no contexto de uma comunidade educadora que compreende vários componentes do povo de Deus, para conduzir o seminarista, mediante a Ordenação, a fazer parte da família do presbítero, ao serviço de uma comunidade de fiéis.

A vida comunitária coloca o formando diante de duas realidades fundamentais na vida do presbítero: a comunhão de fé com o bispo e

com todo o presbitério. Ela é um elemento precioso e iniludível na formação daqueles que serão chamados no futuro a exercer uma verdadeira paternidade espiritual nas comunidades a eles confiadas. Cada candidato que se prepara ao ministério deve sentir cada vez mais profundamente o desejo pela comunhão com todo o povo de Deus, a quem deve estimar, servir e amar (CNBB, 2019b, n. 171-172).

Ainda, com relação à vida comunitária, as diretrizes notam que ela, somada ao trabalho pastoral nas comunidades, será a garantia de que o formando fará uma boa experiência de Igreja enraizada no Evangelho, capaz de desenvolver a solidariedade aos mais pobres, e, vivendo a conversão pastoral que a vida comunitária exige, poderá ver a riqueza na comunidade na diversidade (CNBB, 2019b, n. 175).

É interessante notar sinais de sinodalidade dentro das casas de formação como vivência real e concreta. Quem não fez uma experiência sinodal, ao longo da sua formação, não será capaz de exercê-la quando estiver na missão junto ao povo como pastor:

Procure-se manter no seminário um clima de confiança e respeito mútuo, de expressão sincera de sentimentos, de participação progressiva no planejamento e na disciplina da vida comunitária. Ajude-se a perceber a dimensão positiva dos conflitos e a procurar a solução deles no diálogo franco e aberto. A vida da comunidade deve preparar o formando para a vida presbiteral sustentada pelo exercício de diálogo, pelo respeito às diferenças e pelo trabalho em equipe (CNBB, 2019b, n. 176).

Entre os objetivos específicos da formação humana, destaca-se: "colaborar e trabalhar em equipe para que, quando presbítero, exerça uma liderança que, sem autoritarismo, favoreça a missão da Igreja e o crescimento do Reino de Deus" (CNBB, 2019b, n. 190, item h).

Entre os objetivos específicos da formação espiritual, sobressaem-se:

[...] contemple a ação do Espírito de Deus agindo no meio do povo e não se sinta "dono do povo", mas seu servidor; assuma, em seu trabalho pastoral, tarefas humildes e simples em espírito de serviço; desenvolva uma espiritualidade encarnada de índole eclesial, superando tendências intimistas (CNBB, 2019b, n. 208, itens c, f, h).

Os números de 226 a 240 refletem especificamente sobre a formação pastoral-missionária, tratando-a como princípio unificador de todo o processo formativo, que qualifica para o ministério pastoral, sempre impregnado pela ação e condução do Espírito de Deus. Nessa qualificação, integram-se necessariamente os estudos pastorais com espaço para práticas e experiências, combinando os aspectos teóricos e vivenciais da formação pastoral-missionária e evitando um aprendizado apenas operativo. Nenhuma comunidade deve se isentar de entrar decididamente, com todas as forças, nos processos constantes de renovação missionária e de abandonar as ultrapassadas estruturas que já não favoreçam a transmissão da fé (CNBB, 2019b, n. 228).

Entre os objetivos específicos da formação pastoral-missionária, destaca-se, somente no último item, uma "menção" à dimensão sinodal: "exercitar-se na dinâmica evangelizadora da Igreja toda ministerial, de modo a promover a efetiva participação do laicato na comunhão e na missão da Igreja e na vida da sociedade, superando atitudes clericalizantes" (CNBB, 2019b, n. 232, item k).

Entre os meios para a formação pastoral-missionária, faltou propor explicitamente o engajamento do seminarista nos organismos de sinodalidade, tais como os conselhos pastorais de paróquias ou das dioceses, a fim de se preparar para uma liderança mais consultiva e participativa. Em contrapartida, cita-se como critério de escolhas de paróquias, para a experiência pastoral, aquelas que possuam um planejamento pastoral em sintonia com o Plano Diocesano de Pastoral. Fala-se, também, que o formando deve ter experiências que favoreçam o convívio fraterno com os leigos e as leigas, a capacidade de comunicação e os relacionamentos. Pede-se para promover atividades não apenas rotineiras ou burocráticas, mas que levem ao contato direto com as pessoas, famílias e iniciativas missionárias. Entre os leigos e as leigas, exige-se que o formando tenha sempre o espírito de acolhida e de aprendiz e nunca o de mestre, pois hoje, mais do que nunca, o testemunho de comunhão eclesial e

de santidade é uma urgência na pastoral (CNBB, 2019b, n. 233-235).

Sobre a administração dos bens da comunidade, as diretrizes notam que é uma expressão de fidelidade à missão e ao amor pastoral, quando se administra de modo eficaz, competente e transparente, com a devida participação dos leigos e das leigas, através do conselho competente. Por isso, pede-se que, desde o início da formação, os formandos sejam gradativamente introduzidos na gestão da casa (CNBB, 2019b, n. 238). Talvez, nesse ponto, pudesse se propor um contato com os conselhos econômicos das paróquias ou da própria diocese em algum momento dos estágios pastorais.

Chama a atenção, também, o seguinte:

[...] as avaliações e opiniões da comunidade eclesial, ou de seus representantes qualificados, sejam ouvidas e levadas em conta para o discernimento da Igreja sobre a admissão ao diaconado e ao presbiterado. Portanto, ninguém seja ordenado se não tiver feito uma experiência pastoral positiva (CNBB, 2019b, n. 240).

A questão que se levanta é: como é feito esse processo de escuta aos leigos e às leigas da comunidade eclesial? Eis uma questão a se pensar!

Sobre a formação intelectual, também se ressalta a finalidade pastoral-missionária dessa dimensão, exigindo que tenha por base a teologia entendida pelo Concílio Vaticano II, como o estudo da doutrina católica, à luz da fé, sobre a direção do Magistério da Igreja, de modo que os formandos possam torná-la alimento da própria vida espiritual, anunciá-la, expô-la e defendê-la no ministério que irá assumir. Com relação à filosofia, nota-se que essa leva a uma compreensão mais profunda da pessoa e da sociedade e que o estudo das ciências humanas e sociais também é de grande utilidade para o exercício realista e encarnado do ministério pastoral (CNBB, 2019b, n. 245).

Nas orientações sobre os estudos teológicos, cita-se que o estudo da teologia pastoral deve trazer além de suas atribuições próprias, enquanto estudo teológico, e deve ter como referência as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da

Igreja no Brasil (CNBB, 2019b, n. 280).

Acerca da etapa pastoral ou síntese vocacional, afirma-se que ela está orientada para a inserção na vida pastoral e a preparação mais intensa às ordens sacras, visando a uma configuração prática a Jesus. Tal processo exige um acompanhamento atento, planejado e personalizado, sendo importante que a diocese tenha uma estrutura pastoral sólida, que permita assegurar que sejam alcançados os objetivos propostos para essa etapa (CNBB, 2019b, n. 299).

No capítulo 5, serão lançadas as linhas para elaboração do projeto formativo. Segundo as diretrizes, o princípio que deve reger a elaboração do projeto formativo é o da participação e comunhão, princípio de cunho sinodal, mas que, nesse caso, só envolve a equipe da formação: o bispo e a comunidade formativa do seminário. Não se prevê, nesse processo de elaboração teórica, algo mais pastoral, com envolvimento de leigos e leigas (CNBB, 2019b, n. 300-301).

Sobre os cuidados pastorais, no projeto formativo, nota-se que a formação pastoral deve se desenvolver ao longo de todo o processo formativo, em uma diversidade de lugares idôneos para o tirocinio pastoral, em que os formandos possam realizar experiências de apostolado em diálogo com presbíteros, consagrados e fiéis leigos, a fim de adquirir experiência pluriforme, como convém a um tempo que se caracteriza pelo pluralismo cultural e religioso. Sobre a escolha dos lugares para a pastoral, as diretrizes são extremamente cuidadosas, pedindo que haja uma participação da coordenação diocesana de pastoral no processo, no acompanhamento e na preparação dos párocos que acolhem, bem como das paróquias, para que todos compreendam seu papel nesse processo tão importante. Sobre os párocos de pastoral, eles são vistos como formadores que devem testemunhar e dar exemplo de engajamento na vivência presbiteral. Também é importante que o plano de pastoral diocesano seja levado em conta pelo pároco e pela paróquia escolhida, além de destacar a importância das pequenas comunidades eclesiais missionárias, nas quais o formando, ao participar

com os fiéis leigos do ambiente, da experiência e do dinamismo das comunidades, terá uma experiência indispensável para ser formado como um presbítero pastor (CNBB, 2019b, n. 309-314).

Além das experiências nas paróquias que são apresentadas como fundamentais e principais, também se deve propor estágios pastorais em áreas de regiões missionárias, pois a missio-nariedade é o fio condutor de todo o processo formativo (CNBB, 2019b, n. 318).

Sobre as orientações para a casa de formação, há um incentivo, que é o princípio da sinodalidade:

Pela acolhida e pelo diálogo cria-se um espaço-tempo capaz de gerar proximidade fraterna. O seminário como "casa" proporciona uma estrutura de convivência mais pessoal e humana, em que os conflitos são superados de maneira direta e construtiva. O seminário terá como característica fundamental a fraternidade [...] A equipe formadora ajuda a promover relacionamentos autênticos em clima de liberdade, e confiança, fomentando a familiaridade entre formadores e formandos (CNBB, 2019b, n. 322-323).

O capítulo 6 orienta sobre ritos, ministérios e ordenações, não havendo nada a se destacar sobre o tema pastoral ou sinodal.

Por fim, o capítulo 7 trata sobre a formação permanente, em que se pode destacar duas citações relevantes ao tema em questão. A primeira sobre a importância da formação permanente para uma prática pastoral mais condizente com tempo em que se cumpre a missão, sempre levando em consideração os novos desafios que a sociedade apresenta:

[...] as razões que justificam a formação permanente são assumidas e especificadas pela caridade pastoral, que é sua alma e sua forma. A mesma caridade pastoral impele o presbítero a conhecer cada vez mais as esperanças, as necessidades, os problemas, as sensibilidades dos destinatários de seu ministério (CNBB, 2019b, n. 359).

A segunda menção é sobre a escolha dos formadores, destacando-se elementos de cunho sinodal, como: espírito de fé e testemunho de vida, experiência pastoral, espírito de comunhão e disposição para trabalho em equipe, maturidade humana e equilíbrio psíquico, capacidade de

amar e ser amado, disponibilidade para ouvir e dialogar, atitude positiva e crítica diante da cultura atual (CNBB, 2019b, n. 384).

Pistas para implantação de mecanismos sinodais no processo formativo

A Igreja existe para levar adiante a missão de Jesus em prol do Reino; por isso, a evangelização é um tema que atinge todo o corpo eclesial. Hoje, há necessidade de uma renovação tanto em um ponto de vista teológico quanto na perspectiva pastoral. As transformações devem se realizar para que a Igreja seja um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual do que à autopreservação – este é o sonho do Papa Francisco:

Sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação. A reforma das estruturas, que a conversão pastoral exige, só se pode entender neste sentido: fazer com que todas elas se tornem mais missionárias, que a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta, que coloque os agentes pastorais em atitude constante de "saída" e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 27).

Essa Igreja sonhada pelo papa precisa ser construída dentro dos seminários, na formação inicial e desdobrada na formação permanente do clero, pois de nada adianta uma proposta tão rica e profunda se não houver adesão sincera por parte daqueles que pastoreiam o povo de Deus.

O teólogo Mario de França Miranda faz um esboço de características necessárias para uma Igreja no futuro, e, a partir dessas indicações, deseja-se levantar pistas de elementos a serem considerados nos projetos formativos dos seminários e, de modo especial, implementados na formação pastoral-missionária dos formandos. O texto de França Miranda não fala especificamente da formação, mas servirá de luz para orientar essa reflexão:

- a) A "centralidade de Jesus Cristo na pregação da fé cristã; valorizar mais a vida de Jesus, pois a vocação cristã não é uma adesão a um pacote doutrinal ou a uma instituição, mas a uma pessoa" (Miranda, 2022^a, p. 22). Até que ponto nossa formação presbiteral tem sido realmente cristocêntrica? De fato, a vocação não é uma adesão doutrinal apenas, mas à pessoa de Jesus. Pode-se notar, hoje, entre os jovens, um cunho muito mais ideologizado em torno da Igreja enquanto instituição, e, como a formação está para ministros que representarão a Igreja, deve-se cuidar para que o discurso não seja fechado em uma pregação da Igreja, e sim de Cristo Jesus que age na sua Igreja. A Igreja está a serviço de Cristo e do seu Evangelho.
- b) "Focar a pastoral em Jesus Cristo, tal como aparece nos Evangelhos, pode ajudar a superar uma imagem de Deus muitas vezes deturpada por argumentações teológicas do passado, de um Deus que envia seu filho para morrer, distante e responsável pelo mal que acontece na terra" (Miranda, 2022^a, p. 23). Além do estudo bíblico realizado nas instituições de ensino e faculdades ligadas ao seminário, pode-se, nesse item, favorecer a *Lectio divina* na rotina da casa de formação, ajudando tanto na dimensão espiritual como na ampliação da imagem de Deus a partir da Sagrada Escritura.
- c) "A imagem de um Deus misericordioso repercute na pastoral e na teologia moral, de modo que a pastoral deve valorizar mais as pequenas conquistas e não insistir numa meta que o ser humano não consegue alcançar, gerando má consciência e desânimo. Modelo é o Mestre de Nazaré em sua conduta com os pecadores, que não condena, mas incentiva a não mais pecar" (Miranda, 2022^a, p. 23). Esse elemento da misericórdia que repercute na prática moral deve ser observado no projeto da pastoral realizada nas paróquias ou junto ao povo de Deus. Atitudes rigoristas e discursos moralistas devem ser observados com atenção, pois expressam algo mais profundo e problemático. Além disso, na convivência fraterna, há que se observar a abertura para acolher os colegas de processo ou o fechamento e rigor para julgar o irmão. O dia a dia no seminário também expressa como será o dia a dia na paróquia no futuro.
- d) "Urge, portanto, uma melhor formação do clero que não pode se limitar a repetir o que aprendeu no Catecismo da Igreja Católica, por mais importante que este seja" (Miranda, 2022^a, p. 24). Esse ponto é precioso para a formação permanente do clero. Após a saída da casa de formação, muitas vezes, não há algo consistente, capaz de ajudar os presbíteros a estarem atualizados e a reformarem sua maneira de pensar e viver a pastoral. Sobre tudo no clero diocesano, pode acontecer um fechamento do presbítero em uma paróquia, onde apenas se repete por anos um único modelo pastoral que no passado deu certo, mas que talvez não corresponda às exigências atuais. Formar padres sinodais é oferecer possibilidades para que os padres possam constantemente se manter atualizados. Para a formação inicial, deve-se promover a reflexão crítica dos formandos, para que eles possam atualizar, de modo eficaz, a mensagem doutrinal, evangelizando-se com fidelidade ao que a Igreja propõe.
- e) "É preciso levar a sério a questão dos ministérios na Igreja, onde crescerá uma tendência de um laicato adulto e missionário, mais informal e mais despojado de poder" (Miranda, 2022^a, p. 25). Nos estágios pastorais, é preciso observar a capacidade de liderança e abertura nas relações com os leigos e as leigas. As sementes do clericalismo, muitas vezes, já se mostram claramente nos estágios pastorais. Deve-se promover que os seminaristas desenvolvam uma pastoral bem planejada, em comunhão e sempre incentivando os ministérios laicais, em que não haja autorreferencialidade por parte do formando. Ainda, nesse ponto, pode-se tentar fazer sair do papel o que as diretrizes para a for-

mação pedem, no que diz respeito ao envolvimento de mais leigos e leigas e, sobretudo, à presença da mulher nos espaços formativos. Há tantos leigos e leigas capacitados que poderiam ajudar mais na formação, dentro de temas transversais, de abertura a temas da sociedade e do mundo.

- f) "Uma Igreja sinodal exige, ainda que esta questão seja complexa, instâncias mais deliberativas e não só consultivas. A formação e valorização dos pequenos grupos de cristãos, enfrentando a resistência do clero e de autoridades eclesiais fechadas. Tornar realidade efetiva a designação da paróquia como comunidade de comunidades" (Miranda, 2022^a, p. 25). Nesse ponto, deve-se programar para que os seminaristas tenham contato com os diversos conselhos pastorais e econômicos da vida das paróquias, da diocese ou da vida religiosa. Para o clero, novamente, a formação permanente precisa tocar na importância dos conselhos e da atuação do leigo no modo de conduzir a vida pastoral e econômica das paróquias. Ainda hoje, em muitas realidades, os conselhos são meramente figurativos, e as decisões saem todas da cabeça de quem está à frente da comunidade. Isso é algo triste e é um desafio. Na rotina das casas de formação, deve-se incentivar tomadas de decisão mais colegiadas, fazendo com que as reuniões tenham um formato semelhante às dos conselhos e mecanismos sinodais que já existem, servindo, assim, de treino e aprendizagem para o futuro.
- g) "Numa sociedade secularizada é necessário valorizar as religiões e por isso é necessária uma postura de diálogo ecumênico e inter-religioso em vista de colaborar na construção de uma humanidade justa e fraterna em prol da defesa da pessoa humana" (Miranda, 2022^a, p. 26). Esse tema é outro grande desafio. O ecumenismo e o diálogo inter-religioso ainda estão muito no nível teórico e ligados às lideranças. Nas bases, ainda reinam as intolerâncias, os preconceitos, os medos e os

sincretismos. Promover esse tema nos seminários é algo muito relevante e necessário.

- h) "Ter a pessoa humana como meta da pastoral exige da Igreja que ela seja pobre, frágil, pequena, desprovida de poder, pois assim é a maioria dos membros da Igreja" (Miranda, 2022^a, p. 27). Aqui, pode-se destacar o tema da caridade social na Igreja. Tema polêmico, nos tempos atuais, mas que não pode ser relegado como secundário. Prevê-se nos projetos formativos da pastoral o contato com as pastorais sociais e os campos de atuação limites, que haja no contexto da Igreja local onde se atua. Por vezes, os estágios pastorais acabam reduzidos ao campo litúrgico, quando tantas realidades de crescimento pessoal ligadas aos desafios das paróquias ficam esquecidas.
- i) "O impacto dos meios de comunicação e a realidade virtual já constitui uma verdadeira cultura. Muitas vezes esta realidade favorece o anonimato e o individualismo, enfraquecendo a comunidade eclesial" (Miranda, 2022^a, p. 27). Nesse ponto, primeiramente, é preciso educar para um bom uso dos meios de comunicação social, pois há, hoje, uma grande confusão entre o público e o privado, com grande exposição da vida pessoal nas redes sociais, causando transtornos que poderiam ser evitados se houvesse maior prudência e discricção. Depois, o tema do enfraquecimento da vida eclesial comunitária é algo preocupante. É preciso favorecer mais a cultura do encontro, do cuidado e do compromisso com o semelhante. A proposta das comunidades eclesiais missionárias, indicadas nas Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora, é um meio de potencializar essa questão e romper alguns desafios nesse campo.

Outra pista importante para potencializar a dimensão sinodal, no processo pastoral e formativo, é promover um maior aprofundamento e vivência das Diretrizes Gerais para Ação Evangelizadora propostas pela CNBB, bem como estar em sintonia com o Plano de Pastoral das Dioceses.

Deve-se envolver os formandos nos processos de gestão da cúria e da dinâmica pastoral diocesana, não somente no período da síntese vocacional, mas ainda que de modo mais breve e limitado, dado o fato da escassez de tempo, devido aos estudos, ao longo do período de "configuração" pelo menos.

É necessário, também, escolher bem as paróquias e os padres que irão acompanhar os estágios pastorais, pois padres fechados ao processo sinodal e às orientações diocesanas que não possuam um planejamento pastoral na paróquia e que não possuem boa convivência fraterna com o presbitério acabam não sendo um bom testemunho para o formando. É preciso considerar os padres de pastoral como verdadeiros formadores, reunindo-se periodicamente com eles, de preferência junto do coordenador de pastoral da diocese, para poder planejar, avaliar e encaminhar os desafios que surgirem. Os seminaristas não devem ser mão de obra para realizar os trabalhos que o padre não dá conta na paróquia; ao contrário, devem ser formados e orientados para que tenham autonomia e protagonismo naquilo que for proposto, mas sempre supervisionados pelo padre, que é o formador no momento da experiência pastoral.

Considerações finais

Muita riqueza já foi colhida, no que diz respeito à sinodalidade na vida da Igreja desde o Vaticano II. Ainda assim, muitos passos ainda precisam ser dados para a superação dessa tendência de volta ao passado, de um tradicionalismo descontextualizado, de um fechamento e de um clericalismo que se fazem presentes na dinâmica eclesial.

Talvez a grande chave para que a sinodalidade floresça ainda mais esteja no processo formativo dos futuros presbíteros e na formação permanente do clero. Essa Igreja de comunhão e participação, em que todos podem caminhar juntos, depende de pastores bem-preparados que abracem a proposta do Papa Francisco e se lancem em fortalecer os ministérios laicais e os mecanismos de participação e protagonismo dos leigos e das leigas.

Infelizmente, nota-se que nossos processos formativos seguem muito aquém do que se necessita. Logo, ainda muito fechados em estruturas predominantemente clericais, em que a comunhão, junto aos leigos e às leigas, muitas vezes, fica reservada para após a ordenação, quando já é muito tarde para se pensar em um modo de exercício do ministério mais integrado com a perspectiva sinodal. O processo sinodal acaba ficando restrito ao campo acadêmico, quando as disciplinas de Teologia Pastoral são sérias e comprometidas com a evangelização. O estudo teórico acaba acontecendo, mas a prática, por vezes, fica a desejar.

Apesar de não haver o termo "sinodalidade" nas diretrizes para a formação, o texto é de uma riqueza enorme e abre margem para muitas iniciativas, que favorecem a formação de autênticos pastores para o povo de Deus.

O grande desejo desta pesquisa é que o tema seja colocado em evidência, dentro dos espaços formativos, e que a dimensão pastoral-missionária seja cada vez mais bem pensada, planejada e executada para ajudar os formandos a compreenderem sua missão, colocando, depois de padres, o seu sacerdócio ministerial realmente a serviço, na promoção do sacerdócio comum dos fiéis, incentivando os ministérios laicais e o cuidado para com as pessoas, sobretudo as mais sofredoras e fragilizadas da nossa sociedade, e fazendo resplandecer cada vez mais o rosto misericordioso de Deus em uma Igreja samaritana, acolhedora e missionária.

Referências

- BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do catolicismo brasileiro: clero, leigos, religiosas e perfil dos novos padres*. Petrópolis: Vozes, 2023.
- BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CIPOLLINI, Pedro Carlos. *Por uma igreja sinodal: sinodalidade, tarefa de todos*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2022.
- CONCÍLIO VATICANO II. *Decreto Presbyterorum Ordinis: sobre o ministério e a vida dos sacerdotes*. Vaticano, 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_presbyterorum-ordinis_po.html. Acesso em: 10 jun. 2023.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2019-2023*. Documento 109. Brasília: Edições CNBB, 2019a.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretrizes para a formação dos Presbíteros da Igreja no Brasil*. Documento 110. Brasília: Edições CNBB, 2019b.

FRANCISCO. *Evangelii Gaudium: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. 2. ed. São Paulo: Paulus; Loyola, 2013.

MACHADO, Renato da Silva. Educar para a sinodalidade: um desafio necessário na formação dos novos presbíteros. *Revista Eletrônica Espaço Teológico*, São Paulo, v. 17, n. 31, p. 73-98, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/reveleiteo/issue/view/2841/464>. Acesso em: 4 jul. 2023.

MIRANDA, Mario de França. *A igreja em transformação: razões atuais e perspectivas futuras*. São Paulo: Paulinas, 2019.

MIRANDA, Mario de França. Evangelização e igreja do futuro: a proposta do Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*. In: NOBRE, José Aguiar; SILVA, Dayvid da. *O projeto de Francisco: evangelização, ecologia, economia, ecumenismo e educação*. São Paulo: Recriar, 2022a. p. 15-29.

MIRANDA, Mario de França. *Igreja sinodal*. São Paulo: Paulinas, 2018.

MIRANDA, Mario de França. *Um cristianismo sinodal em construção: a fé cristã na atual sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2022b.

NOBRE, José Aguiar; SILVA, Dayvid da. *O projeto de Francisco: evangelização, ecologia, economia, ecumenismo e educação*. São Paulo: Recriar, 2022.

José Aguiar Nobre

Professor da Faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Mestre em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Everton Gonçalves Costa

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Emerson de Almeida Amaral

Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

Endereço para correspondência

JOSÉ AGUIAR NOBRE

EVERTON GONÇALVES COSTA

EMERSON DE ALMEIDA AMARAL

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Departamento de Teologia

Rua João Ramalho, 466

Perdizes, 05008-001

São Paulo, SP, Brasil

Os textos deste artigo foram revisados pela Texto Certo Assessoria Linguística e submetidos para validação dos autores antes da publicação.